

## O Equador - de Miguel Sousa Tavares

Quando um jornalista prestigiado e conhecido (agora diz-se mediático) como Miguel Sousa Tavares publica um romance de fundo histórico, corre logo dois riscos: por parte dos críticos literários, o de ser julgado pelo grau de literariedade do texto; por parte dos historiadores, pelo grau de observância dos factos históricos.

À primeira reserva, acresce o pendor dos críticos (mais acentuadamente se forem académicos) para questionar o estilo fluente, linear e objectivo (fílmico, diríamos), como é normalmente o do escritor-jornalista; à segunda, acresce a tentação de confirmar se a narrativa confere rigorosamente com a história e - um terceiro e talvez maior risco - se o autor, citando imprudentemente a bibliografia em que se apoia, omite outras obras julgadas imprescindíveis.

Poderá o escritor, quando se reclama das liberdades comumente conferidas à ficção, alegar que não pretendeu escrever um texto para selecta literária, tão-pouco um ensaio histórico, mas simplesmente contar uma "estória", por deleite próprio e para desfrute dos seus eventuais leitores. E sentir-se-á gratificado se essa "estória" for apreciada (ou comprada, o que não é a mesma coisa) por dezenas de milhares de leitores, contando, entre eles, um Vasco Graça Moura, que afirma (lê-se na capa da 9ª edição do romance): "... há vinte anos ou mais que eu não devorava um romance português, como me aconteceu com EQUADOR."

Não se trata aqui de fazer uma verdadeira recensão ao livro, que poderia ser coincidente ou não com a unânime opinião de muitos leitores, credenciados e não credenciados por formação literária. O nosso ponto de vista é meramente "colonial" ("colonial", contra a opinião de muitos teorizadores, não quer dizer "colonialista", mas tão-somente, como adjectivo, que é próprio das colónias) e, nesta posição, não nos detém a urdidura romanesca senão na medida em que ela, desenvolvendo-se num determinado contexto histórico, há-de servir para algo mais do que deliciar o leitor romântico com as aventuras sexuais do protagonista e os "peitos devastadores" das suas conquistas na Metrópole e na colónia de São Tomé e Príncipe, para onde foi nomeado governador.

Há-de servir, e serve. São expostas criticamente as sociedades lisboeta e são-tomense do princípio do século (a primeira dominada pela vacuidade burguesa, a segunda pela exploração da mão-de-obra africana) - com lapsos (como a importância do papel de "polvo" que o Banco Nacional Ultramarino desempenhou na economia daquelas ilhas), deslizes ou incorrecções que o próprio autor já reconheceu - para atingir uma posição ética: mesmo na época de uma exploração colonial que assentava no trabalho compulsivo, havia um governador humanista...

Suicidá-lo é um recurso imaginístico do ficcionista. Mas houve, de facto, nas colónias, muitas outras figuras, governadores e não governadores, que não se suicidaram, antes usaram a vida para questionar a política colonial. E foi pena que o autor, quando desenha, sem o nomear, um horrendo governador-geral de Angola (entre 1905 e 1906 só podia ser Eduardo de Noronha, a quem não se ajusta o "retrato", e depois dele, Paiva Couceiro, muito menos) que evocava um antecessor (de há cerca de 40 anos atrás), este nomeado, Calheiros e Menezes, para "justificar" a remessa de negros "contratados" para São Tomé, não lhe tenha concedido o "favor" de poder defender o seu racismo com um argumento legal: é que para São Tomé também iam (e continuaram a ir até há década de 70) os condenados e os indesejáveis... sem "contrato".

Trata-se, pois, de literatura colonial (no sentido atrás definido), e tão "colonial" como os romances de Fausto Duarte sobre a Guiné, de Castro Soromenho sobre Angola e de Sum Marky ou Luis Cajão sobre São Tomé. Em 1977, Manuel Ferreira, um especialista de créditos incontestáveis, escrevia que "a Literatura Colonial define-se essencialmente pelo facto de o centro do universo narrativo ou poético se vincular ao homem europeu e não ao homem africano [em que] o branco é elevado à categoria de herói mítico, o desbravador das terras inóspitas, o portador de uma cultura superior."

Esta definição continua de pé. Salvaguardando as diferenças que existem entre aqueles autores citados e um Henrique Galvão, Ferreira da Costa ou Reis Ventura, um ingrediente desta literatura - o exotismo - continua a ser, hoje, um atractivo tão operante como era há há quarenta ou setenta anos. Para quem escreve e para quem lê...

Neste aspecto, também os tempos não mudaram.